

4

A literatura brasileira contemporânea em inglês

Este capítulo será dedicado a um levantamento de obras traduzidas para o inglês a partir de 1990 e a uma macroanálise da veiculação e da recepção de alguns desses livros nos polissistemas literários de língua inglesa. Serão observadas as opiniões de professores de literatura, da crítica especializada e da crítica jornalística, sempre que esses dados estiverem disponíveis. Ainda, a resposta do público leitor será levada em consideração, embora não tenha sido possível encontrar muitos dados sobre este, que é o pólo final absoluto do processo de tradução de uma obra. A partir dessa análise e do panorama da literatura brasileira contemporânea traçado no capítulo 3, será possível chegar a conclusões acerca das forças institucionais que atuam nos mercados receptores anglófonos sobre as representações da literatura e da cultura brasileira no polissistema de língua inglesa. Com base no papel dos elementos influentes nesse cenário, será possível debater, ainda neste capítulo, a importância da tradução na formação de identidades culturais, segundo o que postulou Lawrence Venuti (2002). A presente discussão se iniciará com a retomada de fatos importantes relativos ao perfil da literatura brasileira traduzida para o inglês, observados em décadas anteriores ao período a que se dedica esta pesquisa, de modo que seja possível lançarmos mão de elementos históricos nesta análise.

4.1 Três décadas cruciais

Alguns estudos já demonstraram a posição periférica da literatura (e da cultura) brasileira nos polissistemas de língua inglesa. A partir do levantamento de Heloisa Barbosa (1994) e da pesquisa em outras fontes, como o guia *Babelguides* de obras brasileiras em tradução para o inglês, por exemplo, foi possível contar 166 obras de ficção, na maioria romances, traduzidas (ou retraduzidas) para o inglês ao longo de 94 anos, a partir do início do século XX até o ano de 1994, quando ela encerrou a pesquisa. Somando-se a esse número mais 19 obras traduzidas entre 1990 e 1994, não

incluídas na pesquisa de Barbosa, e outras 21 traduzidas entre 1995 e 2000, a média do século XX chega a 2,08 livros por ano, com 100 autores traduzidos. Entre 2001 e 2004 foram encontrados 16 livros traduzidos, um número bem inferior aos 37 títulos verificados em tradução nos primeiros quatro anos da década anterior. Podemos entender esses números menores como o resultado de uma dificuldade maior para encontrar registros de livros traduzidos recentemente. Heloisa Barbosa também parece ter enfrentado a mesma dificuldade, haja vista que pude encontrar, em meu levantamento, diversos títulos traduzidos entre 1990 e 1994 que não constam de sua pesquisa. No entanto, como veremos no capítulo 5, em que serão avaliados aspectos do setor editorial moderno, também podemos atribuir esses resultados menos expressivos do início do século 21 à diminuição de títulos publicados de um modo geral no mercado livreiro dos anos 1990 e 2000.

Os polissistemas literários de língua inglesa não acolhem mesmo muitas traduções. Segundo Laurence Laluniaux (2004), agente literário que agora representa Chico Buarque no exterior, apenas 3% das publicações na Inglaterra são traduções. Por correspondência eletrônica, Stephanie Beer (2004), da Association of American Publishers, disse não ter conhecimento sobre esse cálculo na produção editorial norte-americana (2004). Esse fato já é, em si, um indicador da pouca importância que se dá à literatura traduzida naquele país. Há outras razões para se cogitar que a situação minoritária das obras em tradução na Inglaterra se repita nos Estados Unidos. Entre elas está o próprio postulado da teoria dos polissistemas, que afirma ser resistente a traduções um polissistema literário central, como o norte-americano, e o fato de não ser difícil constatar em sítios de livrarias americanas (como a Barnes & Noble, Borders e Doubleday, por exemplo) que a grande maioria dos livros de literatura à venda fazem parte de polissistemas anglófonos. Além disso, Adria Frizzi (2005), tradutora ligada à Universidade do Texas, em comunicação por e-mail, afirmou ser difícil encontrar editores interessados em publicar traduções nos Estados Unidos.

Além desses entraves geralmente impostos à grande parte da expressão literária em tradução para o inglês, Heloisa Barbosa (1993, p. 723) relaciona a razões políticas o fato de a literatura brasileira ser periférica e pouco traduzida, mas acrescenta que esse motivo não se resume apenas a circunstâncias políticas propriamente ditas. A

reboque destas, vêm os aspectos econômicos e outros relacionados ao imperialismo cultural. Além disso, ela também afirma que a literatura brasileira, vista do exterior a partir da óptica do colonizador, surge geralmente sob o rótulo de literatura latino-americana. É verdade que a associação, implícita nesse rótulo, da literatura brasileira ao realismo fantástico de Jorge Luis Borges, Júlio Cortázar, Gabriel Garcia Marques e Mario Vargas Llosa colaborou com a expansão da literatura brasileira na Europa e nos Estados Unidos, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. No entanto, ela também permitiu que se formasse uma imagem equivocada de nossa cultura. A própria língua portuguesa foi negligenciada nesse processo, pois não despertou tanto interesse como o espanhol, a partir do *boom* de literatura latino-americana.

Para entender melhor as razões históricas para a posição ainda periférica da literatura brasileira nos sistemas anglófonos é bom lembrarmos outros resultados de Barbosa. Ela constatou que, num primeiro momento, antes mesmo do *boom* da literatura latino-americana, os esforços institucionais que contribuíram para aumentar o número de títulos brasileiros em tradução para o inglês começaram - mesmo que timidamente - “quando a importância estratégica do Brasil foi reconhecida pelo Departamento de Defesa norte-americano durante a Segunda Guerra” (Barbosa, 1993, p. 724). Naquele tempo, o então presidente Getúlio Vargas simpatizava com as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e só pendeu para o lado dos Aliados após a proposta norte-americana de financiar uma usina siderúrgica em troca da permissão brasileira para utilização, pelas forças daquele país, de nossas bases navais e aéreas. A partir daí, diversos órgãos governamentais americanos se dispuseram a financiar programas de aproximação cultural entre os dois países (*idem*). Entre esses programas estavam projetos de tradução de livros brasileiros. É também desse período a produção do filme *The Three Caballeros*, de Walt Disney, em que figurava o personagem Zé Carioca, um símbolo desse esforço de aproximação.

Nesse primeiro momento, o número de títulos em tradução para o inglês ainda era pouco expressivo. Ele começou a chamar atenção, não tanto pela quantidade de títulos traduzidos, mas pela velocidade com a qual se multiplicou, a partir dos anos 1960, quando algumas editoras americanas enviaram caçadores de talentos para o Brasil com o objetivo de selecionar nomes e obras da literatura brasileira para

surgirem no mercado editorial americano (Barbosa, 1994). Sabe-se que, além dos caçadores de talento, alguns tradutores se envolveram na seleção de títulos brasileiros. Muitos deles eram ligados à universidade, outros haviam morado no Brasil e tinham uma admiração pessoal pela literatura brasileira ou por algum escritor em especial (Barbosa 1994, p. 109). Essas pessoas foram certamente os primeiros a abordarem o polissistema brasileiro com o objetivo de selecionar obras de uma maneira sistemática para serem traduzidas e publicadas em inglês.

As razões para o incremento das traduções de obras brasileiras podem se resumir nas palavras de Marshall Eakin, atual diretor executivo da BRASA (Brazilian Studies Association) e co-editor do livro *O Brasil dos Brazilianistas: um guia aos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos*¹,

O interesse no Brasil (e na América Latina) nas universidades realmente começa nos anos sessenta com a expansão das universidades americanas, as repercussões da Revolução Cubana, e uma forte economia americana (2004).

Assim, o interesse pela literatura brasileira nos Estados Unidos começou com o incentivo à publicação de literaturas traduzidas, através de programas como o de distribuição de livros da Association of American University Presses e o de publicação de livros em tradução para o inglês do Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade de Columbia, por exemplo, estes respectivamente com o apoio da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford (Barbosa, 1994, p. 46-47). Ao lado da literatura brasileira, as literaturas hispano-americanas também começaram a se expandir nessa época. Essa coincidência não foi mera obra do acaso. Antes de tudo, é bom marcar a importância da revolução que instaurou o regime comunista em Cuba nesse processo. Moscou também tentou fazer valer sua influência política em outros países da América Latina. Suas pretensões foram barradas pelas ditaduras militares que se instalaram nos países desse continente a partir de golpes de estado. Segundo Francisco Martinho, historiador da Universidade Estadual do Rio de Janeiro com especialização nesse período da história, há controvérsias sobre a participação americana nesse processo (2004). Alguns pesquisadores acreditam que as ditaduras

¹ Lançado no Brasil em 2002 pela editora Paz e Terra.

latino-americanas se deram em consequência de ações domésticas, outros acham que esses regimes foram implementados com o apoio dos Estados Unidos e a participação da CIA. De qualquer forma, fazia parte da influência ianque sobre o cenário político brasileiro e latino-americano a continuidade do movimento de aproximação entre as culturas norte-americana e latino-americana. Assim, os programas de financiamento como os que possibilitaram a tradução de livros brasileiros nas décadas de 1940 e 1950 foram mantidos e incrementados durante as duas décadas seguintes, como se pode concluir a partir do aumento do número de títulos latino-americanos traduzidos nesse período. Arquetou-se assim a pequena participação brasileira no *boom* da literatura latino-americana em tradução nos mercados editoriais americano e internacional a partir dos anos 1960.

A associação da literatura e da cultura brasileira com a literatura e a cultura latino-americana, que parece ter favorecido a tradução de títulos brasileiros a princípio, pode ter surgido em função de aspectos ideológicos e/ou políticos, ou a partir de razões mercadológicas, uma vez que poderia ser mais fácil vender ao público leitor de língua inglesa a literatura brasileira sob o rótulo mais apelativo de literatura da América tropical. Ainda, essa amálgama cultural pode ter tido o objetivo de evitar maiores explicações em face da alegada ignorância dos norte-americanos sobre as nações do resto mundo, especialmente as mais pobres. De qualquer forma, as décadas de 1960 e 1970 foram decisivas para a literatura brasileira em tradução para o inglês. Foi ao longo desse período que vimos surgirem ou se firmarem, em tradução, autores como Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, entre outros. Também nesse período, o baiano Jorge Amado se estabeleceu como um dos romancistas latino-americanos mais lidos em inglês. Assim, é possível dizer que, ao longo dessas duas décadas, criou-se um público leitor de literatura brasileira nos Estados Unidos.

A literatura brasileira traduzida na década de 1960 era, de um modo geral, canônica. Entre os autores consagrados que surgiram em tradução nesse período, nos Estados Unidos, estão, em ordem alfabética, Autran Dourado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Gustavo Corção, José Lins do Rego, Machado de Assis, Mário de Andrade e Rachel

de Queiroz. Outros nomes da lista de autores traduzidos nos anos 1960 são Gilberto Freyre, Carolina Maria de Jesus e Jorge Amado. Sobre estes últimos, podemos dizer que Gilberto Freyre despertou interesse por seus livros de sociologia, num momento em que havia uma disposição americana para aumentar o conhecimento sobre a América Latina. Ele já vinha sendo traduzido desde a década de 1940, sempre publicado pela Knopf. Carolina Maria de Jesus é interessante pela autenticidade de seu relato de mulher negra, pobre e com baixa escolaridade. Seu livro, *Quarto de despejo*, é um referencial importante para os estudos culturais, no Brasil e no exterior. Jorge Amado é, mais uma vez, um caso à parte. Em primeiro lugar, é o autor mais traduzido da década, com 5 livros. Além disso, ele já havia sido traduzido antes, em 1945, com *Terras do sem fim* (1942), e mesmo a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) em 1962 antecedeu o *boom* de literatura latino-americana que alguns pesquisadores dizem ter começado em 1963, com Júlio Cortázar (Barbosa 1994, p. 43). Outros romancistas brasileiros, como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Machado de Assis, surgiram em tradução antes do *boom* de literaturas latino-americanas nos Estados Unidos. Esses autores já tinham, em 1960, seu valor reconhecido nos polissistemas de língua inglesa, no entanto, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos jamais conseguiram a popularidade internacional de Amado, que se firmou como um dos romancistas brasileiros mais lidos no exterior.

Na década de 1970, os autores canônicos continuaram a liderar a classificação dos mais traduzidos, de modo que é possível especular sobre a possibilidade de a academia e a crítica universitária terem sido, nesse período como no anterior, uma força fundamental para a tradução de textos literários brasileiros. Machado de Assis é o mais traduzido do período, com 5 livros. É possível constatar que o perfil da literatura traduzida nos anos 1970 não se alterou muito em relação à década anterior. Alguns pontos, porém, devem merecer maior atenção por se destacarem. A tradução de *Apareceu a margarida*, de Roberto Athayde, a primeira peça de teatro a figurar na pesquisa de Barbosa, é um desses casos. Se já chama a atenção por ser a primeira, é ainda mais notável por ter sido justamente ela a escolhida, uma peça com uma linguagem de vanguarda, com uma visão crítica da sociedade e do governo militar e

que dava ao teatro brasileiro uma função social, de questionamento da realidade. Igualmente, ressurgiu nesse período a tradução da poesia brasileira, que na década anterior teve Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Os representantes da poesia brasileira em tradução para o inglês nos anos 1970 são Antônio Olinto, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles.

Muitos outros casos de autores traduzidos nessas duas décadas mereceriam comentários, mas o período a que se dedica esta pesquisa é outro e, mesmo que suas origens estejam nos anos 1960 e 1970, foi na década de 1980 que suas feições atuais despontaram. O nome desta década é Clarice Lispector, que contabilizou seis títulos traduzidos e lançados nesse período. *A maçã no escuro* (1961) e *Laços de Família* (1960), traduzidos enquanto a autora ainda era viva, respectivamente em 1967, por Gregory Rabassa, e em 1972, por Giovanni Pontiero, foram relançados. Houve, portanto, lançamentos e relançamentos de sua obra, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, que se antecipou com *A maçã no escuro*, em 1983.

O primeiro relançamento, *A maçã no escuro*, em 1983, está relacionado aos escritos de Hélène Cixous. É possível dizer que a importância - e conseqüente canonização - de Clarice Lispector no exterior cresceu a partir dos escritos dessa feminista francesa que tem, na obra dessa autora brasileira, “um impulso formador de seu próprio pensamento” (Barbosa, 2000, p. 6). Seus artigos *L’Approche de Clarice Lispector* (1979), *Vivre l’Orange* (1979) e *Illa* (1980), influenciaram o estudo da escrita feminina a partir do ponto de vista do feminismo. O relançamento de *A maçã no escuro*, pela Virago, editora com tendência feminista, acentuou o caráter de Lispector como autora importante na área dos estudos femininos. Em 1985, o lançamento do filme *A hora da estrela* também pode ter influenciado as traduções da obra de Lispector para o inglês. No ano seguinte, quando o filme recebeu inúmeros prêmios internacionais, o livro foi traduzido por Giovanni Pontiero e lançado pela Carcanet - uma das mais importantes editoras da obra de Lispector em inglês -, que o relançou em 1989. Outras duas editoras inglesas lançaram a tradução de Pontiero em 1987. A partir daí, percebe-se que algumas editoras americanas aumentaram seu interesse na obra de Lispector, que passou a ser publicada também nos Estados Unidos e ganhou novos tradutores, como Richard Mazzara e Lorri Parris, Ronald W.

Souza, Elizabeth Lowe, Earl Fitz, Alexis Levitin, todos ligados a universidades ou com prestígio nesse meio. Em 1989 a New Directions, de Nova York, começou uma série de lançamentos da obra de Lispector e se juntou à Carcanet como uma editora importante na publicação dessa autora em tradução para o inglês.

Sobre os anos 1980 vale dizer também que nesse período a poesia brasileira novamente ganhou algum espaço nas traduções para o inglês. Entre outros, foram traduzidos, Carlos Drummond de Andrade, Ledo Ivo, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Em décadas anteriores somente alguns poetas, como Drummond de Andrade, Mário Bandeira e Cecília Meireles, haviam sido traduzidos. Drummond é o mais traduzido até hoje, com 4 livros publicados nos Estados Unidos. Cecília Meireles teve publicada uma antologia de poemas traduzidos em 1977 para depois desaparecer do sistema de literatura brasileira em inglês.

Como nos dois períodos anteriores, a literatura brasileira traduzida para o inglês nos anos 1980 também é fundamentalmente canônica. Grande parte das obras traduzidas foi publicada por editoras ligadas a universidades. Reafirma-se, portanto, que nas três décadas anteriores ao período a que se dedica a presente pesquisa, a universidade foi uma força importante a selecionar e a traduzir obras da literatura brasileira, certamente com a intenção de formar um público leitor para essa expressão. A partir dos já citados programas de aproximação cultural que incentivaram a tradução de obras brasileiras e da criação de departamentos de língua portuguesa nas universidades americanas, alguns autores foram descobertos e selecionados para tradução para o inglês.

Antes de discutirmos o período a que se dedica esta pesquisa, abrirei espaço ainda para um breve comentário sobre a década de 1980, em que o embrião da moderna indústria de livros começou a se formar com a concentração de capitais, fusões e aquisições no mercado editorial internacional. Após o fim do regime militar, o Brasil começou a se preparar para competir nos mercados globalizados e a indústria nacional do livro também iniciou nesse período um processo de modernização do qual trataremos no capítulo 5. Embora o perfil de obras em tradução para o inglês não tenha mudado muito nesse período em relação aos anteriores e a publicação de obras brasileiras nos Estados Unidos tenha se mantido, de um modo geral, ligada aos

mecanismos já comentados, as fusões e aquisições nos mercados editoriais internacionais e o conseqüente fortalecimento de grandes grupos editoriais nos Estados Unidos e na Europa trouxeram novos aspectos que viriam influenciar o panorama da literatura brasileira traduzida nos anos 1990 e 2000. Esse assunto também será abordado com mais profundidade no capítulo seguinte. Por ora, basta dizer que a década de 1980 disse adeus a um tempo em que obras brasileiras eram selecionadas quase que exclusivamente por agentes estrangeiros ligados a universidades e editoras que tomavam parte de programas de tradução de literatura latino-americana com a finalidade de aproximação cultural. Após três décadas de incremento no volume de tradução de títulos brasileiros (e latino-americanos) a partir de programas de aproximação cultural, com as nações do mundo já se preparando para as novas relações guiadas pela lógica da economia de mercado, as editoras americanas e também as inglesas, de que pouco falamos dado o volume bem maior de obras brasileiras traduzidas nos Estados Unidos, começavam a acreditar que já estava criado entre os leitores de língua inglesa um público de literatura brasileira traduzida que justificasse uma carteira de autores dessa nacionalidade em suas casas.

4.2 Tempos Modernos

Nos anos 1990, a indústria editorial do Brasil redemocratizado espelhou-se no modelo dos fortes grupos empresariais estrangeiros e também começou a se fortalecer por meio de fusões e aquisições. A concentração de capitais no mercado editorial também trouxe grandes grupos estrangeiros para o segmento editorial brasileiro, segundo uma tendência geral da economia globalizada (Dória, sem data). Nesse cenário, o brasileiro viu surgir seu primeiro grande fenômeno editorial: *O Alquimista*, de Paulo Coelho. Também a partir de 1990, o Brasil estreitou sua relação com os países desenvolvidos. A aproximação de que se fala, por característica própria da década, era especialmente voltada para o comércio, porém, como na economia de mercado vende-se de tudo, cultura inclusive, pode-se supor que houve espaço para alguma expansão do mercado de literatura traduzida durante esse período.

Quase trinta anos após os primeiros pesquisadores americanos terem voltado a atenção para a cultura brasileira de forma mais sistemática, quando diversas

universidades americanas já tinham departamentos de língua portuguesa e estudos brasileiros estabelecidos, a literatura brasileira em tradução começou timidamente a despertar um interesse maior em algumas editoras, que não podiam mais contar com os programas de incentivo - extintos, segundo Marshal Eakin (2004), antes de 1990 - para a publicação de expressões literárias periféricas. A maior participação das editoras brasileiras nas feiras internacionais de livro também colaborou para fomentar esse interesse. Hoje, mesmo sendo a nossa literatura ainda periférica e pouco conhecida, mesmo que alguns autores ainda sejam pinçados somente por seu interesse acadêmico e circulem num meio restrito de leitores, já é mais comum a seleção de títulos a partir da constatação de seu sucesso de vendas aqui no Brasil. Este é o caso de Patrícia Melo e, iconicamente, de Paulo Coelho. Patrícia Melo, além da boa vendagem, tem a admiração de sua editora, Liz Calder, da Bloomsbury. Falando à BBC em matéria traduzida para a *Folha de São Paulo* em 23 de abril de 2002², Calder diz que Patrícia Melo é uma escritora “extraordinária”. Em comunicação por e-mail, Katherine Greenwood (2004), também da Bloomsbury, afirmou que, ao lado de Chico Buarque, Patrícia Melo é uma autora brasileira importante para a editora. Paulo Coelho, por sua vez, só é mesmo relevante por sua representação icônica. Não fossem suas vendas fabulosas, mencioná-lo deixaria de ser importante, já que seus livros, com temas místicos universais, não caracterizam o Brasil ou a cultura e a literatura brasileiras.

Os aspectos aqui mencionados relativos à modernização da indústria editorial serão discutidos com mais profundidade no capítulo 5. Por ora, vamos nos ater a analisar a lista de obras traduzidas de 1990 a 2004, que nos permitirá tecer algumas considerações sobre o cenário da literatura brasileira em inglês nesse período. A popularidade de alguns autores e o *status* literário de outros vai transparecer nesses comentários, pois nesses casos não foi difícil encontrar dados que enriquecessem a pesquisa. Por outro lado, há aqueles sobre os quais não foi possível encontrar dados suficientes para possibilitar comentários conclusivos.

As duas tabelas a seguir contêm obras brasileiras traduzidas, retraduzidas, ou relançadas durante o período a que se dedica essa pesquisa. As retraduzões e/ou

² Em <www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u10205.shtml>. Acesso em junho de 2004.

relançamentos foram incluídos para possibilitar uma visão geral do sistema de literatura brasileira em inglês e serão indicadas com um asterisco. A principal fonte de consulta foi a publicação eletrônica *Babelguides*³, um guia de obras traduzidas para o inglês também disponível em brochura. Foram consultados ainda sítios de editoras na Internet e mesmo alguns dados foram obtidos por acaso, durante a pesquisa sobre a tradução de obras brasileiras em jornais e revistas eletrônicas e sítios de biografias de autores. Não há a pretensão de se afirmar que a lista está completa. Como vimos, especialmente em relação aos anos mais recentes, foi difícil encontrar registros sobre a tradução de obras brasileiras.

As tabelas indicam a data da publicação da tradução na coluna da esquerda. Em seguida está o nome do autor, o título original da obra (sempre que disponível, pois as coletâneas, por exemplo, são freqüentemente uma reunião de obras jamais publicada no Brasil e têm, portanto, um título escolhido por seu editor estrangeiro) com a data da primeira publicação no Brasil e o nome da editora estrangeira, bem como o país onde ela está sediada. Os países serão identificados por siglas: EUA, para os Estados Unidos e RU para o Reino Unido. Em alguns casos, nomes semelhantes podem sugerir a mesma casa editora, mas como não foi possível comprovar essa sugestão, ficou estabelecido que a listagem conteria o nome da editora tal qual ele aparecia na fonte em que se colheu a informação. Ainda, vale dizer que não está incluído na listagem todo o tipo de livro brasileiro traduzido para o inglês. Aqueles que aqui se incluíram são livros recebidos como obras literárias, seja pela crítica acadêmica, seja pela crítica jornalística, seja pelo público leitor.

Tabela 1 - A literatura brasileira traduzida para o inglês entre 1990-2004

1990	ABREU, Caio Fernando	<i>Os dragões não conhecem o paraíso</i> (1988)	Editora desconhecida (RU)
	AZEVEDO, Aluizio de	<i>O mulato</i> (1881)	Fairleigh Dickinson UP (EUA)
	CUNHA, Helena P.	<i>Woman between Mirrors</i> (1985)	University of Texas Press (EUA)
	FONSECA, Rubem	<i>Bufo Spallanzani</i> (1985)	Dutton (EUA)
	FRANÇA, Oswaldo	<i>No fundo das águas</i> (1987)	Ballantine Book (EUA)
	LISPECTOR, Clarice	<i>Perto do Coração Selvagem</i> (1943)	Carcenet (RU) New Directions (EUA)
	MACHADODEASSIS	<i>*Memórias póstumas de Braz Cubas</i> (1881)	Noonday Press (EUA)

³ Em <www.babelguides.com/guides/braz> Acesso em fevereiro de 2004.

	MACHADODEASSIS	* <i>Memorial de Aires</i> (1908)	Dufour Editions (RU)
	MORAIS, Fernando	<i>Olga</i> (1985)	Groove Press (EUA)
	PRADO, Adélia	<i>Coração disparado</i> (1978)	Weslayan University Press (EUA)
	PRADO, Adélia	<i>Os componentes da banda</i> (1984)	Weslayan University Press (EUA)
	RAMOS, Graciliano	* <i>Vidas secas</i> (1938)	Texas University Press (EUA)
	SANTIAGO, Silviano	<i>Stella Manhattan</i> (1985)	Columbia Un. Press (EUA)
	SCLIAR, Moacyr	<i>Max e os Felinos</i> (1981)	Ballantine Books (EUA)
	SCLIAR, Moacyr	<i>O olho enigmático</i> (1986)	Ballantine Books (EUA)
	SCLIAR, Moacyr	* <i>Os deuses de Raquel</i> (1975)	Ballantine Books (EUA)
1991	MIRANDA, Ana	<i>Boca do Inferno</i> (1989)	Viking Press (EUA)
	MACHADODEASSIS	* <i>Dom Casmurro</i> (1899)	Noonday Press (EUA)
	NUNES, Lygia Bojunga	<i>Meu amigo pintor</i> (1987)	Vilking : NY (EUA)
	VAN STEEN, Edla	<i>Corações mordidos</i> (1983)	Texas University Press (EUA)
	VAN STEEN, Edla	<i>A Bag of stories</i> (coletânea)	Lat. American Literary Review (EUA)
	PIÑON, Nélide	<i>A república dos sonhos</i> (1984)	Texas University Press (EUA)
1992	AMADO, Jorge	<i>São Jorge dos ilhéus</i> (1944)	Morrow, William & Co (EUA)
	BUARQUE, Chico	<i>Estorvo</i> (1991)	Bloomsbury (RU)
	DOURADO, Autran	<i>Táxi ou poema do amor passageiro</i> (?)	Garland: NY (EUA)
	COELHO, Paulo	<i>O diário de um mago</i> (1987)	Harper San Francisco (EUA)
	LISPECTOR, Clarice	* <i>A hora da estrela</i> (1977)	Carcenet (RU) New Directions (EUA)
	LISPECTOR, Clarice	* <i>A legião estrangeira</i> (1964)	New Directions (EUA)
	LISPECTOR, Clarice	<i>A descoberta do mundo</i> (1984)	Carcenet (RU)
	MACHADODEASSIS	* <i>Quincas Borba</i> (1891)	Noonday Press (EUA)
	MACHADODEASSIS	* <i>Dom Casmurro</i>	Peter Owen Publishers (RU)
	PIÑON, Nélide	<i>A doce canção de Caetana</i> (1987)	Knopf (EUA)
	SOUZA, Márcio	<i>A condolência</i> (1984)	Avon Books (EUA)
1993	AMADO, Jorge	<i>O sumiço da santa</i> (1988)	Bantan: NY (EUA)
	COELHO, Paulo	<i>O Alquimista</i> (1988)	Harper San Francisco (EUA)
	GALVÃO, Patrícia	<i>Parque industrial</i> (1933)	Nebraska Un. Press (EUA)
	SOUZA, Márcio	<i>O fim do terceiro mundo</i> (1983)	Avon Books (EUA)
1994	ALENCAR, José de	<i>Senhora</i> (1875)	Texas University Press (EUA)
	COUTINHO, Edilberto	<i>Maracanã, adeus</i> (1984)	Host Pubns (EUA)
	FELINTO, Marilene	<i>Mulheres de Tijuapapo</i> (1992)	Un. of Nebraska Press (EUA)
	HATOUM, Milton	<i>Relato de um certo oriente</i> (1989)	Atheneum (RU)
	LUFT, Lya	<i>Exílio</i> (1987)	Carcenet (RU)
	RIBEIRO, Edgard T.	<i>Criado mudo</i> (?)	St. Martin's Press (?)

	RIBEIRO, João Ubaldo	<i>O sorriso do lagarto</i> (1989)	Atheneum (EUA)
	AMADO, Jorge	* <i>Terras do sem-fim</i> (1943)	Avon Books (EUA)
1995	COELHO, Paulo	* <i>Diário de um mago</i>	Harper San Francisco (EUA)
	LINS, Osman	<i>Nove, novena</i> (1966)	Sun and Moon Press (RU/EUA)
	OLINTO, Antônio	<i>O trono de vidro</i> (1987)	Sel Press (RU)
	ALVES, Miriam (ed.)	<i>Enfim... nós: Escritoras Negras Brasileiras</i>	Three Continents Press (EUA)
1996	LISPECTOR, Clarice	<i>Selected Crônicas</i> (coletânea)	New Directions (EUA)
1997	NOLL, João Gilberto	<i>Hotel Atlântico</i> (1989)	Boulevard Books (RU)
	CÉSAR, Ana Cristina	<i>Intimate Diary</i> (coletânea)	Boulevard Books (RU)
	AMADO, Jorge	* <i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Avon Books (EUA)
	BUARQUE, Chico	<i>Benjamin</i> (1995)	Bloomsbury (RU)
	COELHO, Paulo	<i>Namargem do rio Piedra eu sentei e chorei</i> (1994)	Harper San Francisco (EUA/RU)
	MELO, Patrícia	<i>O matador</i> (1995)	Bloomsbury (RU)
	SOARES, Jô	<i>O Xangô de Baker Street</i> (1996)	Pantheon Books (EUA)
	VAN STEEN, Edla	<i>Madrugada</i> (1992)	Lat. Am. Literary Review Press (EUA)
	MACHADODEASSIS	* <i>Dom Casmurro</i>	Ohio University Press (EUA e RU)
1998	AMADO, Jorge	* <i>Gabriela, cravo e canela</i>	Bard Books (EUA)
	COELHO, Paulo	* <i>O Alquimista</i>	HarperCollins Publishers (EUA)
	FONSECA, Rubem	<i>Vastas emoções e pensamentos imperfeitos</i> (1988)	Bloomsbury (RU)
1999	COELHO, Paulo	<i>Monte Cinco</i> (1996)	HarperCollins Publishers (EUA)
	LISPECTOR, Clarice	<i>Cidade Sitiada</i> (1949)	Carcenet (RU)
	MELO, Patrícia	<i>Elogio da Mentira</i> (1998)	Boomsbury (RU)
	PINTO, Cristina F. (ed.)	<i>Urban Voices: Contemporary Short Stories from Brazil</i>	University Press of America (EUA)
	RORIZ, Aydano	<i>Os diamantes não são eternos</i> (1998)	Prospect Press (EUA)
	SCLIAR, Moacyr	<i>The collected Stories of Moacyr Scliar</i>	Un. of New Mexico Press (EUA)
2000	ALMEIDA, Manuel A. de	* <i>Memórias de um sargento de milícias</i>	Oxford Un. Press (RU)
	MACHADODEASSIS	* <i>Esau e Jacó</i> (1904)	Oxford Un. Press (RU)
	ALBUES, Tereza	<i>Pedra Canga</i> (?)	Green Integer Books (EUA)
	CASTRO, Rui	<i>Bossa Nova</i> (1990)	Bloomsbury (RU)
	GIANETTI, Eduardo	<i>Auto-engano</i> (1997)	Bloomsbury (RU)

Tabela 2 - A literatura brasileira traduzida para o inglês no século XXI

2001	ABREU, Caio Fernando	<i>Onde andarás Dulce Veiga</i> (1996)	Un. of Texas Press (EUA)
	SOARES, Jô	<i>Twelve Fingers</i>	Pantheon Books (EUA)
	COELHO, Paulo	<i>Verônica decide morrer</i> (1998)	Harper Perennial (EUA)
	GUIMARÃES ROSA	<i>Jaguar and other stories</i> (coletânea)	Boulevard Books (EUA/RU)

2002	LINS, Osman	<i>Avalovara</i> (1973)	Dalkey Archive Press (EUA)
	HATOUM, Milton	<i>Dois Irmãos</i> (2000)	Bloomsbury (RU)
	VERÍSSIMO, Luis F.	<i>O Clube dos Anjos</i> (1999)	New Directions (EUA)
	MELO, Patrícia	<i>Inferno</i> (2001)	Bloomsbury (RU)
2003	VELOSO, Caetano	<i>Verdades tropicais</i> (1997)	Bloomsbury (RU)
	COLASANTI, Marina	<i>Uma idéia toda azul</i> (1979)	Green Interger Press (EUA)
	GARCIA-ROZA, Luis A.	<i>O silencio da chuva</i> (1996)	Henry Holdand Company (EUA)
	GARCIA-ROZA, Luis A.	<i>Achados e perdidos</i> (1998)	Henry Holdand Company (EUA)
2004	BUARQUE, Chico	<i>Budapeste</i> (2003)	Bloomsbury (RU)
	MELO, Patrícia	<i>Acqua Toffana</i> (1994)	Bloomsbury (RU)
	MELO, Patrícia	<i>Valsa Negra</i> (2003)	Bloomsbury (RU)
	GARCIA-ROZA, Luis A.	<i>Vento sudoeste</i> (1999)	Henry Holdand Company (EUA)

4.3 Perfil da literatura traduzida de 1990 a 2004

É possível representar matematicamente o conjunto de obras brasileiras selecionadas para tradução em países de língua inglesa como um subconjunto do polissistema literário brasileiro. É possível também estabelecer relações entre esses dois conjuntos visando a determinar os processos de formação do sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês. Com base nos dados históricos trazidos da pesquisa de Heloisa Barbosa e na listagem acima, gerada durante esta pesquisa, já se pode chegar a algumas conclusões importantes. A estas se acrescentaram outras a que cheguei a partir da opinião de críticos, professores, editores e leitores, sempre que essas informações estiveram acessíveis, e, dessa maneira foi possível traçar um perfil da literatura brasileira traduzida no período em estudo.

Guardadas as proporções, pois vimos que a literatura brasileira é periférica, as tabelas acima nos mostram que, de 1990 a 2004, tanto a canonicidade como a popularidade dos autores no polissistema de origem podem ser vistas como um importante critério na seleção de obras brasileiras para tradução durante o período examinado. Isso já representa uma alguma mudança em relação aos períodos anteriores, especialmente os anos 1960 e 1970, em que, a partir dos já mencionados programas de tradução de obras brasileiras e latino-americanas, autores, em sua maioria canônicos, eram selecionados para tradução. Valorizados como no sistema alvo, Machado de Assis e Clarice Lispector são, historicamente, os dois autores mais

representativos da literatura canônica em inglês. Machado de Assis teve 7 de seus livros relançados ou retraduzidos no período em estudo. Clarice Lispector teve quatro novos livros lançados e dois relançamentos/retraduções. Jorge Amado, um representante da literatura que responde aos anseios populares, presente em tradução para o inglês desde a década de 1940, teve dois de seus livros traduzidos e três relançamentos. Outros nomes, canônicos ou periféricos ou marginais, têm boa representação nos últimos quatorze anos, mas, por ora, vamos nos ocupar desses três autores, importantes e representativos desde que as traduções de obras literárias brasileiras começou a chamar a atenção.

Embora tenha sido eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1961, o que pode, para alguns, lhe render uma posição central no polissistema literário brasileiro, Jorge Amado sempre obteve mais sucesso de público do que de crítica. Segundo o que afirmou Sérgio Vilas Boas no *Jornal de Poesia*, o autor “tinha a convicção de estar tocando um projeto de popularização do livro e da literatura de ficção no Brasil” e fazia uma literatura independente, escrevia para os leitores e não para outros escritores. Então, ao enxergarmos a obra de Jorge Amado como literatura não canônica, a partir das críticas a esse autor já comentadas no capítulo anterior, poderíamos dizer que, se ao lado dele, outros nomes importantes no sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês são os canônicos Machado de Assis e Lispector, entre outros, canonicidade e popularidade no sistema fonte sempre ajudaram a criar critérios de seleção de obras para tradução. Porém, essa discussão não deverá se limitar à mera separação de autores populares e canônicos para se chegar à conclusão de que atualmente mais nomes populares disputam um lugar com os autores canônicos da literatura brasileira em tradução. Este debate tem muito mais relação com as novas feições do mercado editorial moderno, que não escapa da lógica mercantilista, seja para vender literatura de mercado, seja para vender alta literatura. Dessa maneira, ao afirmar que houve uma mudança em relação ao período anterior, em que autores canônicos estavam muito mais fortemente representados, pretendo demonstrar que os critérios de seleção foram repensados e o que antes se fazia majoritariamente a partir de referências acadêmicas, passou a ser feito de acordo com a lógica do mercado. Dessa forma, embora os canônicos ainda continuem com boa

representação em tradução para o inglês, pois para eles também se criou um mercado, vemos que hoje, mais claramente, não é necessário que um autor tenha uma obra consagrada para surgir em tradução. Antes, é necessário ter público e vender bem.

Ainda sobre Amado, Machado de Assis e Lispector, autores com grande parte de sua obra traduzida antes do período a que se dedica o presente estudo, podemos dizer que esses três nomes têm boa representação na literatura brasileira recentemente traduzida para o inglês, por terem surgido em lançamentos, relançamentos e/ou retraduições de suas obras. Machado de Assis teve *Dom Casmurro*, um dos seus livros mais importantes, retraduzido e relançado em 1991, 1992 e em 1998 por editoras diferentes, entre elas a editora da Universidade de Ohio. Jorge Amado teve cinco de seus romances traduzidos entre 1990 e 1998. Concluimos, portanto, que esses autores já têm um espaço no polissistema anglófono. São autores que surgiram em tradução há muitas décadas e que, pode-se dizer, foram absorvidos pelo mercado editorial moderno como nomes reconhecidos pelo leitor de literatura brasileira em tradução para o inglês por sua importância na formação do polissistema literário brasileiro. Seja pela popularidade, seja pela canonicidade, penso ser possível afirmar que esses autores ainda são passíveis de novas traduções e relançamentos.

Outros autores com representação importante no polissistema de literatura brasileira traduzida para o inglês são, em ordem alfabética, Antônio Olinto, Autran Dourado, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José de Alencar, Mário de Andrade, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Oswald de Andrade, todos com mais de três obras em inglês, muitas delas publicadas por editoras universitárias ou por editoras com tradição na publicação de obras brasileiras, como no caso da Knopf, que desde os anos 1960, tem um programa de tradução de nossas obras. Desses autores, Antônio Olinto, Autran Dourado, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José de Alencar, Moacyr Scliar e Nélida Piñon surgem novamente em tradução ou retradução no período estudado. Moacyr Scliar e Nélida Piñon, respectivamente com três e dois livros traduzidos entre 1990 e 2004, são os mais representativos desse grupo. É interessante notar que os dois autores despertam o interesse acadêmico na área de estudos culturais, ele por ser judeu e ela por ser mulher latino-americana. Penso ser possível afirmar que todos esses autores

que sobreviveram ao fim dos programas de incentivo e continuaram a ser lançados em tradução para o inglês foram importantes na formação do sistema de literatura brasileira em tradução para o inglês.

O crescimento dos estudos culturais, que abrigam os estudos femininos, os estudos homoeróticos e os estudos latino-americanos e brasileiros, bem como os estudos judeus que aqui serão mencionados, proporcionou maior visibilidade aos ambientes culturais a que dizem respeito. A partir do interesse acadêmico na produção cultural e literária de determinados grupos ou comunidades, vimos crescer o número de obras traduzidas de alguns autores brasileiros. Em alguns casos, a utilização de textos como material de estudo para essas áreas gerou rótulos rejeitados pelos autores, como no caso de Caio Fernando Abreu, tomado como escritor *gay*, ou recebidos com surpresa pela crítica e pela própria comunidade de leitores da cultura fonte, como no caso de Clarice Lispector, cuja ligação com o feminismo vem do exterior.

Mesmo tendo morrido em 1977, entre as mulheres, Clarice Lispector ainda é a autora com o maior número de livros em tradução para o inglês. Nos anos 1980, quando a maioria de suas obras foi traduzida, surgiu também o interesse por outras escritoras brasileiras. Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e Nélide Piñon são outras importantes autoras brasileiras que começaram a ser traduzidas nesse período. Helena Parente Cunha é um outro exemplo e, na poesia, podemos citar Adélia Prado. É interessante notar que, em grande parte, essas autoras foram publicadas em inglês por editoras universitárias e são objeto de estudo nos departamentos de língua portuguesa nos Estados Unidos e na Inglaterra. Elas também sobreviveram ao fim dos programas de incentivo à tradução e continuaram a ser publicadas em inglês no período a que se dedica esta pesquisa.

A partir do interesse que se criou na literatura produzida por mulheres, podemos ressaltar como um aspecto relevante para esta análise o fato de 11 entre as 22 autoras brasileiras em tradução para o inglês terem obras traduzidas no período em estudo, na grande maioria publicadas por editoras universitárias ou por editoras com longa tradição no lançamento de obras brasileiras ou latino-americanas em tradução para o inglês, como a americana Knopf e a inglesa Carcanet. Até a década de 1970,

apenas seis autoras haviam sido traduzidas para o inglês. Nos anos 1980, surgiram mais quatro nomes e de 1990 até hoje contamos esse número mais expressivo. Os dados nos levam a crer que houve, a partir dessa última década, mais interesse pela escrita feminina. De um modo geral, talvez à exceção de Patrícia Melo, os textos selecionados formam, a meu ver, um conjunto de obras embaixadoras, representativas da visão feminina brasileira nos polissistemas anglófonos.

Lispector é uma das personalidades da literatura brasileira de maior prestígio no sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês. Sua primeira obra em tradução foi publicada, ainda nos anos 1960, pela University of Texas Press, outra editora universitária que, segundo Heloisa Barbosa (1994), tomou parte do programa de tradução e publicação de obras latino-americanas do governo americano. Além da posição de autora canônica no polissistema de origem, Lispector atendia a outro requisito: é uma autora latino-americana, capaz de representar a região para o leitor norte-americano pelo viés da mulher. A autora também faz parte da carteira da Carcanet, editora pequena, que se interessou por sua obra a partir do entusiasmo do tradutor Giovanni Pontiero. De acordo com Barbosa (ibidem), nem Pontiero, nem a Carcanet tinham interesse em estudos femininos, mas essa pesquisadora também nos lembra que, no mesmo período em que a Carcanet lançava, na Inglaterra, as traduções de Pontiero da obra de Lispector, editoras americanas ligadas a universidades também publicavam a autora em versões de outros tradutores. Sendo assim, mesmo que na inglesa Carcanet a publicação de Lispector em tradução não tenha relação com o interesse específico na escrita feminina do Brasil, o fato de essas editoras universitárias americanas terem se interessado em publicá-la indica que seu nome era importante nos estudos da cultura e da literatura brasileira. De fato, Clarice Lispector é uma das autoras brasileiras mais estudadas nos departamentos luso-brasileiros das universidades americanas e inglesas.

Para entender ainda um pouco mais a trajetória de Clarice Lispector em tradução para o inglês, devemos voltar a 1983, quando a editora londrina Virago Press relançou a tradução de Gregory Rabassa (de 1967) para *A maçã no escuro*, sob o título inglês *Apple in the Dark*. Editora de tendência feminista, a Virago Press já havia relançado a tradução de Elizabeth Bishop para *Minha vida de menina*, de Alice

Dayrell Brandt, a primeira mulher brasileira a ter uma obra traduzida para o inglês em 1957. Barbosa (idem) acha “possível inferir que a Virago Press tenha se interessado por tais obras devido a suas autoras serem mulheres latino-americanas terceiro-mundistas”; essas características também as tornam interessantes para o campo dos estudos femininos.

Vimos que outras autoras brasileiras também se tornaram atraentes para tradução a partir do interesse por Lispector nos anos 1980. Essa característica se manteve e, ordem alfabética, podemos citar como exemplos de autoras brasileiras presentes em traduções feitas no período a que se dedica essa pesquisa Adélia Prado, Ana Miranda, Edla van Steen, Helena Parente Cunha, Lia Luft, Lygia Bojunga Nunes e Nélide Piñon. Então, conclui-se que o interesse pelas vozes femininas na literatura brasileira, a partir da redescoberta de Lispector, pode ter influenciado o aumento do número de autoras em tradução dos anos 1980 em diante. De um modo geral, a literatura feminina selecionada para tradução tem prestígio no polissistema brasileiro.

Voltando agora o foco de atenção para outro campo de interesse dos estudos culturais, podemos dizer que é também Moacyr Scliar autor digno de atenção por sua obra publicada em inglês. Com nove livros traduzidos para esse idioma, Scliar é mais um dos autores brasileiros com boa recepção crítica no polissistema americano. Sua primeira obra traduzida para o inglês foi publicada em 1984 pela Ballantine Books, editora do grupo Random House que também lançou o autor em traduções posteriores. Conhecido nos departamentos de estudos latino-americanos, brasileiros e judaicos, ele é apresentado como grande romancista, embora não seja popular entre leitores comuns, como se vê no excerto abaixo, do sítio da University of Wisconsin Press, que o compara a grandes escritores internacionais e cujo título, *A masterpiece of magical realism by one of Brazil's most celebrated novelists*, o relaciona também ao realismo fantástico:

Scliar is a world-class fabulist with a solid and distinguished oeuvre awaiting discovery by a larger audience. I've seen *The Centaur in the Garden* compared to works by Franz Kafka, Nikolai Gogol, Philip Roth, Mordecai Richler, and even John Updike. At its center is Guedali Tartakowsky, a Jewish centaur born into a family of Russian immigrants in Rio Grande do Sul. Scliar pushes the

tragic destiny of Tartakowsky through an infusion of comedy. Its style is vintage Scliar: crisp, speedy, cinematic, succinct.⁴

A associação com o realismo fantástico pode ter uma função mercadológica, já que parece ser mais fácil vender algo sobre o qual as pessoas já ouviram falar. Mas no caso de Scliar ela pode se dever também a seus temas, marcados pela presença do imaginário fantástico e alegorias. De qualquer forma, o interesse aqui está voltado para um outro aspecto importante de sua obra: o judaísmo no Brasil.

Em 1999, a New Mexico University Press lançou *The Collected Stories of Moacyr Scliar*, com 122 contos selecionados a partir de seis de seus livros publicados entre 1968 e 1989. No prefácio assinado por Ilan Stavans, autor judeu de origem mexicana que se tornou um importante crítico de literatura latino-americana e que também assina o texto em citação acima, há um perfil biográfico do autor e uma discussão sobre a diáspora. A partir de seu interesse por esse tema, Stavans analisa a participação judaica no hibridismo religioso brasileiro e concentra-se na “alienação social e religiosa, na assimilação cultural e no desfiguramento físico e psicológico de seus (de Scliar) personagens”, fazendo um elo entre a biografia do autor e os tópicos de sua obra⁵.

Além do interesse de Ilan Stavans por Scliar e sua obra podemos citar o nome da organizadora do volume, Maria José Somerlate Barbosa, como mais um argumento para reforçar a idéia de que este autor foi selecionado para tradução não apenas pela qualidade de sua obra, mas também por ser de interesse acadêmico. Somerlate Barbosa é pesquisadora da cultura e da literatura brasileira na Universidade de Iowa e, embora seu interesse esteja voltado principalmente para os estudos de gênero e afro-brasileiros, os cursos que ela ministrou de acordo com seu currículo⁶ indicam sua ampla dedicação ao estudo/ensino da literatura brasileira.

Ao lado de Scliar, um outro autor brasileiro ganhou visibilidade também por despertar o interesse acadêmico, neste caso, no campo de estudos homoeróticos.

⁴ Assinado por Ilan Stavans; em <www.wisc.edu/wisconsinpress/books/2617.htm>. Acesso em 02 de dezembro de 2004.

⁵ *The Americas Society*. Em <www.counciloftheamericas.org/as/literature/br64giacomelli.html>. Acesso em 11 de dezembro de 2004.

⁶ Em <www.uiowa.edu/~spanport/personal/Barbosa/barbcv.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2004.

Trata-se de Caio Fernando Abreu, traduzido pela primeira vez em 1990. Seus tradutores, Adria Frizzi, de *Por onde andar*á Dulce Veiga, e David Treece, do livro de contos *Os dragões não conhecem o paraíso*, têm interesse na literatura como fonte de material para os estudos culturais e de literatura. Adria Frizzi é crítica literária e doutora do departamento de Francês e Italiano da Universidade do Texas. Na página da universidade também é possível comprovar o interesse em Caio Fernando Abreu e sua temática urbana e homoerótica no trecho a seguir:

Caio Fernando Abreu (1948-1996) was an award-winning journalist, novelist, short-story writer, and playwright who portrayed, as no other contemporary writer, the myriad contradictions of urban Brazil. His untimely death, as well as his courageous stand on AIDS and the growing popular interest in gay literature, will likely result in renewed attention to his playful yet urgent brand of postmodern writing.⁷

David Treece é chefe do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros de King's College, em Londres, e diretor do Centro de Estudos da Cultura e da Sociedade Brasileira dessa instituição. Seu interesse se volta especialmente para a história da cultura brasileira, para a literatura, a política e a cultura afro-brasileira, a poesia, a música popular e ficção brasileira contemporânea traduzida para o inglês.⁸ Além de Caio Fernando Abreu, ele também traduziu João Gilberto Noll, Ana Cristina César e Guimarães Rosa.

Também demonstram interesse pela obra de Caio Fernando e sua temática homoerótica pesquisadores da Universidade de Minnesota. Podemos citar o nome de Fernando Arenas, que publicou em 2003, pela editora da Universidade de Minnesota, o livro *Utopias of Otherness* e a antologia *Lusosex: Gender & Sexuality in the Portuguese-Speaking World*, em colaboração com Susan Quinlan, da Universidade da Georgia. Conforme foi dito no capítulo introdutório deste estudo, uma análise mais profunda da trajetória de Caio Fernando Abreu nos polissistemas anglófonos será levada a cabo no capítulo 6.

Na área de estudos culturais, a pesquisa sobre autores brasileiros vai muito além dos nomes aqui comentados. Não seria viável incluir nesses comentários todos

⁷ Em <www.utexas.edu/utpress/books/abrwha.html>. Acesso em fevereiro de 2004.

⁸ Em <www.kcl.ac.uk/pobrst/datre.html>. Acesso em julho de 2004.

os autores brasileiros já estudados em universidades americanas e inglesas. De todo modo, os nomes aqui comentados nos dão uma idéia do interesse acadêmico pela nossa literatura e nossa cultura. Para ajudar a compor este panorama do sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês, podemos classificar suas obras publicadas em tradução para o inglês, segundo o sistema de classificação de Barbosa (1994), como obras embaixadoras, destinadas a apresentar a literatura e a cultura brasileira ao público leitor de língua inglesa. Certamente, pela qualidade literária de muitos desses autores, podemos dizer que essas obras também podem ser classificadas como obras de autor, que, dentro desse mesmo sistema classificatório, reúnem obras selecionadas pela posição central ou pela canonicidade do autor no polissistema de origem. No entanto, diante do que aqui se expôs, há muitas razões para crermos que a seleção desses títulos se deveu em grande parte ao interesse acadêmico nas áreas de estudo aqui mencionadas e, nesse caso, penso ser possível afirmar que a classificação dessas obras como embaixadoras supera em importância sua classificação entre as obras de autor, que é compreensível devido ao fato de a academia, por tradição, concentrar seu interesse em obras canônicas.

Nomes populares da literatura brasileira também sempre tiveram espaço nos polissistemas de língua inglesa. Certamente, Paulo Coelho, publicado pela Harper Collins, é o escritor brasileiro mais popular atualmente, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra. Sabe-se que o escritor não é um sucesso apenas em traduções para o inglês. Ele também é famoso na França, na Espanha e em outros países da Europa, assim como nos outros continentes. É uma personalidade internacional; um dos escritores vivos mais lidos do mundo, ao lado de nomes como Gabriel García Marquez e Umberto Eco. Entre os escritores brasileiros, tornou-se mais popular que Jorge Amado e, certamente, é, entre leitores comuns, um forte referencial das letras brasileiras no exterior, superando a fama de nomes importantes na formação da nossa literatura, como Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. É frequente a argumentação de que o texto de Paulo Coelho não representa a cultura brasileira e que ele não é lido por interesse do leitor no Brasil. A inclusão de uma análise sobre sua representação nos polissistemas anglófonos pode, portanto, ser contestada. Seus livros falam de mitos universais e, justamente por isso, ele conseguiu tanto sucesso

internacional. No entanto, mesmo sem cor local e sem prestígio no polissistema brasileiro, temos que nos render ao fato de que ele é uma celebridade no exterior e um estudo sobre a literatura brasileira em tradução não pode deixar de comentar sua trajetória, de certa forma importante para o presente estudo por estar intimamente ligada à forma como funciona o setor editorial moderno.

Gabriel Perissé (1998), pesquisador da FFLCH-USP e fundador da ONG *Projeto Literário Mosaico* para a formação de escritores, atribui o sucesso de Paulo Coelho ao anseio “pelo retorno ao mundo das tradições, das revelações... [a um] mundo que nos dê uma fé...; ou que nos dê uma vitória sobre o caos.” Ele fala do sucesso do autor em termos de Brasil, mas podemos estender essa conclusão sua ao resto do mundo, uma vez que as razões por ele apontadas para esse sentimento coletivo de volta a um tempo “místico” é o saldo negativo do século XX, em que a humanidade viveu duas guerras mundiais (e aqui eu acrescentaria os conflitos do Oriente Médio), a falência ideológica do comunismo (e da própria democracia, eu diria), a competição selvagem, a radicalização das desigualdades, a violência desenfreada e todo o tipo de desumanidade. Pode-se argumentar que esses problemas não são típicos dos tempos modernos e que a humanidade sempre viveu guerras e crises ideológicas. No entanto, o positivismo do século XIX, que exerceu uma influência notável na filosofia analítica do século XX, nos fez crer no progresso baseado na razão e na ciência. Assim, conviver com as guerras no Oriente Médio, a fome africana, a pandemia da AIDS e o atraso na América Latina e em outras regiões do mundo, por exemplo, parece inadmissível para a humanidade de hoje; não é lógico.

Conclui-se que leitores do mundo inteiro viram nos livros de Paulo Coelho o caminho espiritual para o entendimento de si mesmos, do outro e do mundo que os rodeia. Em inúmeros sítios na Internet, especialmente os de livrarias virtuais, é possível encontrar a opinião de leitores sobre os livros do autor. São comuns comentários como o que segue, escolhido por representar, entre muitos, o teor das opiniões de leitores anglófonos da obra desse autor.

Coelho's books have brought me so deep inside myself. I could see my fears, my guilts, my doubts, my pain and above all, my love. It's all there inside and

Coelho's books can make you see it, identify it and love it. Understanding that it is all human. Understanding that you are not alone. You are not the only one feeling so. You are not alone in all this chaos Spiritualism in Coelho strikes me in him I see a person who have explored himself deeply and can certainly through his books help you do so too he is different, he is alive and living full of love and completely present ... endless spiritualism indeed.⁹

É comum também encontrarmos opiniões sobre seus livros em sítios com matérias críticas literárias. Porém, o tipo de crítica que se veicula sobre os livros de Paulo Coelho é notadamente o comentário crítico com intenções mercadológicas e nenhum compromisso com a literatura ou com qualquer corrente da crítica literária. Isso se comprova no excerto abaixo, sobre *O alquimista*, em que se associa o autor à tradição do realismo fantástico - a velha estratégia mercadológica para vender literatura brasileira nos Estados Unidos -, embora saibamos que esse rótulo da literatura da América espanhola não nos cabe e que Paulo Coelho jamais foi relacionado pela crítica brasileira aos nomes mais conhecidos desse gênero romanesco:

A tense, clever novel, which debates the grander moral questions of life. Like a fable or parable in its style (fables seem to be in vogue) - don't bother going here if you demand realism and believability in your reading. This is closer to the magic realist tradition and reflects the Latin American background of the author. Characters have visions, speak to the dead and devils and angels bicker at their shoulders. But the plot is simple and gripping. The single question - "will they or won't they?" - holds you right to the end. Coelho is a master storyteller and handles the underlying moral subject matter with ease, yet the question remains complex, and there is no simplistic answers.¹⁰

Além da associação com o realismo fantástico, outros atributos da obra de Paulo Coelho aqui apontados são típicos das matérias que visam a vender livros populares: “The plot is simple and gripping”, “Coelho is a master storyteller”. Por outro lado, não é comum encontrarmos pesquisadores da literatura brasileira minimamente interessados na obra de Paulo Coelho, a não ser que seja para comentar o fenômeno editorial.

⁹ Em <www.book-club.co.nz/books/3devilandmissprym.htm> Acesso em 14 de dezembro de 2004.

¹⁰ Ibidem.

Nem as vendas fenomenais da literatura de Paulo Coelho, nem os prêmios que recebeu, nem as homenagens que lhe renderam chefes de estados, ministros da cultura e mesmo a Academia Brasileira de Letras, que o elegeu em 2002 para a cadeira antes ocupada por Roberto Campos, parecem ter tido uma repercussão positiva no que diz respeito a seu prestígio literário. Seu sucesso pancontinental não foi suficiente para torná-lo um escritor digno de atenção na academia, seja na crítica de orientação modernista, seja na linha de estudos culturais, no Brasil ou no exterior. Além dos clichês de sua escrita, é provável que o uso desavisado de estruturas sintáticas estranhas ao bom domínio que um escritor deve ter de sua língua-instrumento seja um empecilho para que seus livros despertem qualquer interesse acadêmico. No exterior, no entanto, o pouco domínio lingüístico de Paulo Coelho não transparece, “graças aos abnegados tradutores”. Em tradução, o autor aparece “na sua essência, e a sua essência é a mensagem”. (Perissé, 1998). De acordo com a classificação de Barbosa para obras em tradução, Paulo Coelho surge como autor de obras de consumo, voltadas a um interesse específico do mercado de leitores.

Nas letras brasileiras, outro nome reconhecido internacionalmente é o do baiano Jorge Amado, já comentado neste capítulo em termos dos números de sua representação. Heloisa Barbosa (1994, p. 89-90) concluiu que seu reconhecimento nos polissistemas de língua inglesa, como aqui, se deve ao modelo popular de sua literatura. O próprio autor reconhecia que escrevia para entreter e afirmava ter um projeto de popularização da literatura nos moldes marxistas. Seus personagens caricaturais - coronéis, tipos populares, negros viris, mulatas sensuais, prostitutas, cafetões etc. - e seus enredos melodramáticos de conteúdo populista e panfletário, atingiam a consciência do leitor, como ele pretendia. De algum modo, esses elementos do texto de Amado também atraíam o leitor de língua inglesa, que buscava na literatura latino-americana saciar seu interesse por aquilo que eles consideram exótico na cultura brasileira.

A despeito da opinião de alguns críticos brasileiros que o repudiavam como escritor por sua postura antimodernista, Jorge Amado se tornou uma importante referência da literatura brasileira no exterior, pois o leitor comum - e particularmente o leitor de língua inglesa aqui tratado - sem as preocupações da crítica acadêmica,

busca, na leitura, cultura e lazer, assim mesmo, com conjunção aditiva, em sua óptica raramente substituída por uma conjunção alternativa. Desse modo, o regionalismo caricatural da literatura de Jorge Amado que o tornou um escritor independente da principal corrente literária de seu tempo parece ter sido tão importante para sua popularidade quanto seu modo de escrever, voltado para mercado consumidor de sua obra. Decidir, a partir do que foi dito, sobre a melhor forma de classificar as traduções de suas obras pode ser difícil ou mesmo impossível, uma vez que elas podem ser vistas como obras de consumo, se tidas como literatura de mercado, ou como obras de autor, dada a já mencionada independência do autor em relação a seus contemporâneos modernistas e pós-modernistas, como obras embaixadoras, por retratarem com muita cor local a Bahia natal do escritor e serem capazes de representar o Brasil e sua cultura para o público leitor de língua inglesa, ou mesmo como obras tópicas, se considerarmos a intenção do autor de abordar a organização social e política brasileira. Dado o momento em que elas foram traduzidas e a forma como foram veiculadas (não é difícil encontrar livros do autor em bibliotecas públicas, bibliotecas de universidades, livrarias, estande de livros em aeroportos etc.), podemos especular sobre a classificação como obras embaixadoras ser a mais forte, uma vez que a obra de Jorge Amado pode ser vista como uma carteira de identidade das letras brasileiras no exterior.

Nenhum outro escritor brasileiro atingiu a popularidade de Paulo Coelho ou Jorge Amado em traduções para o inglês. Certamente, Amado mereceu mais atenção da crítica e da universidade, embora não haja tanto interesse em seu nome nos departamentos de estudos brasileiros de universidades americanas e britânicas se comparado a nomes como o de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Graciliano Ramos, por exemplo. Outros nomes populares aqui, como Rubem Fonseca e Patrícia Melo, por exemplo, também estão excluídos dos interesses acadêmicos. Entende-se, portanto, que obras canônicas brasileiras tendem a migrar para o centro do sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês. Do mesmo modo, a literatura marginal ou periférica tende a assumir também essas posições nesse sistema meta e, embora muitas vezes consiga mais popularidade, não interessa ao meio acadêmico.

Interessante é o caso de Rubem Fonseca, que influenciou grande parte dos escritores atuais de temas urbanos e já teve três livros traduzidos para o inglês¹¹, mas não podia ser facilmente encontrado nas livrarias americanas e inglesas (a não ser em exemplares usados) até ter *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* lançado pela Bloomsbury em 1998. Este livro pode ser encomendado pela Internet, mas *Bufo Spallanzani*, lançado em 1990 nos Estados Unidos, está esgotado. Não foram encontrados comentários de leitores sobre os livros de Rubem Fonseca. Na página de comentários sobre literatura do sítio Brazzil Magazine¹², Bondo Wyszpolski, um de seus comentaristas, diz que

Without question, Rubem Fonseca is one of the more respected Brazilian authors of our day, but he has been done something of a disservice in this country by not being published when his books are still fresh. *Bufo & Spallanzani*, his fine novel from 1985 (also translated by Mr. Landers), did not appear in English until five or six years later, and *Vast Emotions and Imperfect Thoughts*, which was written in 1988, has only recently appeared.

Although the book reads well and Rubem Fonseca deserves to be better known in the United States, *Vast Emotions and Imperfect Thoughts* is less impressive than earlier works by the author.

A trajetória de Rubem Fonseca em tradução para o inglês não se compara à de sua principal seguidora, Patrícia Melo. Descoberta pela Bloomsbury, Patrícia Melo conquistou um público na Inglaterra. Seu nome aparece com frequência na mídia impressa e nota-se, portanto, a importância de uma estratégia de *marketing* para se construir um público leitor. Seus livros podem ser encontrados nas livrarias virtuais e, segundo Liz Calder, dona da editora que a lançou em tradução para o inglês, Patrícia Melo vende bem. Há, na Amazon.com, por exemplo, exemplares novos e usados à venda e também é possível encontrar, nesse sítio, comentários de leitores sobre seus livros. Esses dados nos levam a concluir que Patrícia Melo formou um público em inglês não somente pelo interesse que possa despertar, mas também devido a suas releituras críticas publicadas em jornais de grande circulação. Nos sítios de vendas

¹¹ Além dos dois livros listados acima, *A grande arte* também foi traduzido para o inglês e publicado em 1986, segundo o levantamento de Heloisa Barbosa (1994).

¹² Em <www.brazzil.com/pages/p44sep98.htm>. Acesso em 5 de janeiro de 2005.

pela Internet, há comentários favoráveis e outros nem tanto, como os que se seguem, sobre *Inferno e O Matador*:

The book is an excellent account of how things happen in the underworld of drug trafficking, it captures your heart through the poverty, the boredom leading to drugs, a constant cycle of deprivation...only to have it blown up in your face. The book welcomes you to the real world...it welcomes you into a different culture...a different life...one you will be amazed that this kind of life actually exists. Very well it is gruesome, as good as a Tarantino movie indeed, it also resembles the *City of God*. But Patricia Melo manages to pull it off much better than the two, through her language, her imagery...makes it more worthwhile than a film. The book includes it all poverty, love, violence, deceit, drugs because in Brazil the only way out is to run the favelas and be King of the drug market, yes the story will shock you and keep you hooked...you certainly won't be able to put it down.

From the very beginning this struck me as a movie masquerading as a book. The transformation of a knockabout used-car salesman in suburban Sao Paolo into a respected killer-for-hire takes all of a chapter or so in this deadpan story. The killer starts his newfound career by shooting a local bully in the back, and quickly works his way up in the world (a la Scarface) by being drawn into spearheading a neighborhood protection racket. He's a rather unpleasant guy, raping here and there, and pretty much bullying people who get in his way. Although he keeps making noises about wanting to settle down, it's never clear what that means to him, or which women that means being with. The distanced tone makes the whole story sort of flat, and it fails to connect with the reader in any meaningful way. It's a decent attempt at Brazilian hard-boiled-one is especially reminded of Jim Thompson-but it doesn't quite work.

Outros autores poderiam figurar nessa análise, mas a falta de espaço e a impossibilidade de fazer um exame completo impedem sua continuação. Alguns autores aqui comentados serão analisados com maior profundidade no capítulo 6. É o caso de Patrícia Melo e Caio Fernando Abreu, que nesse capítulo estarão ao lado de Chico Buarque, outro autor brasileiro que vem conquistando um espaço internacional. Contudo, este panorama da literatura brasileira contemporânea em inglês não pode ser concluído sem ainda algumas observações.

Em primeiro lugar, ao falar de literatura brasileira traduzida entre 1990 e 2004, não podemos deixar de notar a importância da editora inglesa Bloomsbury. Liz Calder, a proprietária, já morou no Brasil na década de 1960, mas garante que seu interesse pela literatura brasileira não vai tão longe. De volta à Inglaterra, ela fundou a editora na década de 1980 e foi então que descobriu a literatura brasileira.

Apaixonada pelo Brasil, Calder diz que a publicação de livros brasileiros não tem uma razão sentimental e que não poderia investir em literatura brasileira se não houvesse mercado. Essa afirmação nos leva a pensar que a literatura brasileira em tradução para o inglês já caminha com as próprias pernas e é capaz de despertar o interesse do mercado editorial. Sua posição ainda periférica não contraria essa afirmação, uma vez que é periférica, de um modo geral, a produção literária em tradução. Editores que apostam nesse segmento devem conhecer seu nicho de mercado e saber como atingi-lo. O investimento da Bloomsbury na literatura brasileira será tratado no capítulo 5.

Outros fatos dignos de nota se apresentaram durante as buscas na Internet sobre a disponibilidade de livros brasileiros à venda em sítios de livrarias virtuais. Esses dados são importantes para tentarmos chegar ao leitor das traduções, sobre o qual ainda pouco se sabe. Na Amazon.com, por exemplo, é comum encontrar, em número muito superior ao de livros de literatura, livros sobre o Brasil e a cultura brasileira. Há publicações sobre futebol, capoeira, música (samba e bossa nova, especialmente), religião (não a católica, mas particularmente as manifestações religiosas afro-brasileiras), sociologia, economia, arquitetura, educação, biodiversidade, destruição de reservas naturais etc. Surpreendentemente, há imensos livros sobre jiu-jitsu, ou melhor, sobre o jiu-jitsu brasileiro, que surge como mais um esporte no qual o Brasil desponta com técnica e estilo próprios. Há também muitos livros sobre a literatura brasileira, especialmente com referência à obra dos canônicos Clarice Lispector e Machado de Assis e Guimarães Rosa, e sobre a escrita feminina, em que vemos novamente figurar Clarice Lispector ao lado de Nélide Piñon. Essa característica já havia sido notada por Barbosa (1994, p. 87), que chamou atenção para a demanda de uma comunidade de leitores de língua inglesa por livros sobre a cultura do Brasil e da América Latina. Além desses, é possível encontrar nesse sítio obras brasileiras traduzidas (em exemplares novos e usados). A literatura canônica, de um modo geral, pode ser adquirida em livros novos e usados. Há, geralmente, comentários de leitores sobre esses autores. Em relação à literatura urbana de Rubem Fonseca, Patrícia Melo e outros, alguns livros estão disponíveis, ao passo que outros - principalmente os de Fonseca - estão fora de catálogo e somente cópias usadas podem ser adquiridas.

Cidade de Deus também não pôde ser encontrado. *Budapeste*, de Chico Buarque, tem exemplares disponíveis em capa dura, mas os outros livros do autor não estão disponíveis na Amazon.com. O baiano Jorge Amado também tem cópias novas e usadas à venda na Amazon.com. Ainda, ele aparece ao lado de alguns autores em associações do tipo “Better together”, em que se aconselha a compra de dois autores em um pacote. Reforça-se a idéia de que Jorge Amado ainda é capaz de fazer o papel de embaixador da cultura brasileira no exterior. Todos esses autores também receberam comentários dos leitores. Outros autores importantes recebem elogios da crítica, são apresentados como grandes nomes da literatura brasileira, mas não têm seus livros comentados por leitores comuns nos sítios de venda pela Internet. É o caso de Nélide Piñon. Na página da Amazon.com, que apresenta seu livro *República dos Sonhos*, publicado em inglês com o título *The Republic of Dreams: A Novel*, não há ligação entre o nome dessa autora e outro autor em associações feitas a partir do perfil do leitor. Isso poderia sugerir um certo isolamento da autora em um nicho de leitores com interesse específico, acadêmico talvez.

Outros dois importantes sítios americanos de venda de livros pela Internet, a saber, os das livrarias Doubleday e Borders, não trouxeram muitos resultados sobre literatura brasileira ou sobre livros brasileiros de um modo geral. A página da Doubleday mostra apenas Paulo Coelho e Jorge Amado. A Barnes & Nobles, por sua vez, trouxe resultados mais expressivos em que aparecem também muitos livros sobre o Brasil e a cultura brasileira, além de obras de Machado de Assis e Clarice Lispector, Moacyr Scliar, José de Alencar, Jorge Amado, Chico Buarque e Milton Hatoum entre outros. Esses autores têm exemplares disponíveis para venda, novos e usados. De um modo geral, não havia comentários dos leitores. Jorge Amado e Clarice Lispector e Patrícia Melo são exceções. No caso de Patrícia Melo, há comentários dos leitores, a maioria com observações positivas sobre a qualidade de sua literatura. Rubem Fonseca, seu padrinho literário, mais uma vez, parece estar distante dos leitores americanos e não há comentários sobre seus livros, que também não são facilmente encontrados.

A loja virtual da editora inglesa Bloomsbury também foi alvo desta pesquisa sobre a disponibilidade e a apresentação dos livros brasileiros em sítios de literatura

dos grandes editores ou das grandes livrarias. Logo em sua primeira página, entre obras inglesas e estrangeiras em tradução para o inglês, o catálogo da casa mostra o livro de Rui Castro, *Carnaval no fogo*, lançado recentemente, reforçando a idéia de que ainda é muito comum a tradução de livros brasileiros que falem sobre o Brasil e que possam funcionar como obras embaixadoras. Livros de autores brasileiros da carteira da Bloomsbury estão todos disponíveis para remessa em poucos dias, alguns em capa dura, como *Budapeste*, de Chico Buarque, e *Valsa Negra*, de Patrícia Melo. Numa busca por livros sob a palavra chave *Brazilian*, muitos outros livros sobre o Brasil e sua cultura foram encontrados, como no caso da Amazon.com já comentado.

Os comentários dos leitores e o fato de haver exemplares novos e usados à venda nesses sítios de comercialização de livros são uma indicação da popularidade e da recepção de uma obra no polissistema meta entre leitores não profissionais. Com o crescimento das vendas pela Internet, a resposta de leitores em sítios de comercialização de livros pode gerar dados interessantes sobre o perfil dos leitores de literatura traduzida, pois o leitor anglófono e seu interesse pela literatura brasileira traduzida para o inglês ainda precisam ser ainda investigados. Sabemos que há os que lêem por interesse acadêmico, mas sendo esses leitores geralmente professores ou estudantes de literatura brasileira, é de supor que a grande maioria deles faça suas leituras em português e, de um modo geral, dispense a versão traduzida. Pode-se levantar a hipótese de que o leitor de literatura brasileira em inglês seja alguém com alguma ligação com o Brasil, por amizade ou casamento com brasileiros, ou por já ter visitado ou vivido no País. As palavras de Laurence Laluniaux, que fala sobre os leitores na Inglaterra, deixam claro a importância de uma afinidade com a cultura brasileira e o aspecto fundamental da crítica veiculada na mídia impressa e na Internet:

Who is reading Brazilian literature in Britain? Well, people who have an affinity with the country and its culture, of course, but also people who read book reviews or hear about a book from friends and want to read it because they are told it is good. I think it is dangerous to turn these things into a ghetto, a German novel will sell well if it's good and people talk about it, not because it's German but because there is a buzz. The same goes for all other countries....

A Festa Literária Internacional de Parati também pode ser usada como termômetro da recepção da literatura brasileira no exterior. O festival idealizado por Liz Calder, da Bloomsbury, tem alguma visibilidade internacional, embora não seja ainda um evento amplamente conhecido. Os bastidores da festa, publicados em jornais e sítios sobre literatura, demonstram, por exemplo, como os critérios de seleção podem ser arbitrários ou depender de canais estabelecidos, como os que se criaram durante o programa de tradução de obras brasileiras nas décadas de 1960 e 1970, ou como o que há atualmente entre a Companhia das Letras e a Bloomsbury, que possibilita a tradução de diversos títulos da editora brasileira na Inglaterra, como será abordado no capítulo 5.

De acordo com a página “FLIP in the Press” do sítio dedicado ao festival¹³,

As well as the famous foreign writers, established Brazilian authors such as Lygia Fagundes Telles and Luis Fernando Verissimo will also be among the performers. Although well-respected at home, neither is particularly well known outside Brazil. One of Brazilian literature’s main problems is that it is written in Portuguese, a language on the periphery of world culture. Not only do young authors struggle for attention against more popular diversions such as music and football but they are doing it in a language few people read.

O trecho do artigo de Alex Bellos, repórter do *Guardian* e do *Observer* no Rio de Janeiro e autor de um livro sobre futebol brasileiro publicado pela Bloomsbury, nos chama a atenção para o fato de esses autores, tão bem representados atualmente no Brasil, não serem muito importantes no já periférico sistema de literatura brasileira em inglês. Lygia Fagundes Telles, que teve 3 livros traduzidos na década de 1980, quando a escrita feminina ganhou mais espaço em tradução, parece ter sido esquecida, e Luis Fernando Veríssimo, embora goze de popularidade no Brasil, não tem grande expressão em tradução para o inglês. Portanto, embora a canonicidade e popularidade sejam importantes para a projeção de um autor no exterior, percebe-se que os critérios de seleção dependem também de outros aspectos de ordem diversa, como o interesse acadêmico, contratos entre editores e interesses muitas vezes pessoais de tradutores e agentes literários.

¹³Em <publique.flip.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=flip_2004_eng&sid=42> Acesso em 7 de Janeiro de 2005.

A partir do que foi exposto, o perfil da literatura brasileira contemporânea traduzida para o inglês aqui traçado conclui que as traduções de obras literárias brasileiras no período estudado têm números expressivos, se comparados com os números de períodos anteriores. O período estudado tem 88 títulos, com 73 deles publicados na década de 1990, e 16 publicados após 2001. Esses números incluem as retraduições e relançamentos que, excluídos, deixam 56 livros traduzidos na década de 1990 e 16 livros traduzidos na década atual, em que não se encontraram registros de retraduições ou relançamentos. A década de 1990, portanto, se equipara, em número de novos títulos traduzidos, ao período anterior, de 1980 a 1989, de acordo com o levantamento de Barbosa. É importante lembrar que, nos anos 1980, as editoras ainda podiam contar com os programas de incentivo a traduções.

Os movimentos de aproximação cultural entre Brasil e Estados Unidos nas décadas anteriores (este país publicou 58 títulos no período em estudo, enquanto a Inglaterra publicou 30), o avanço dos estudos culturais como área acadêmica e o interesse de pesquisadores desse campo pela América Latina e pelo Brasil ainda podem ser apontados como fatores importantes para a tradução de obras brasileiras para o inglês, embora os incentivos para a tradução não existam mais. Esses meios de veiculação da nossa literatura em tradução para o inglês foram capazes de construir um público leitor anglófono para autores brasileiros. Porém, se no mesmo período vimos surgir em tradução autores que vendem bem no Brasil, como Patrícia Melo, Chico Buarque, Paulo Lins e outros novos autores menos importantes, embora também com boa vendagem, como Paulo Coelho e Jô Soares, por exemplo, é possível dizer que a modernização da indústria editorial, capaz de gerar sucessos de venda a partir de diversos mecanismos mercadológicos, hoje também influencia a feição do sistema de literatura brasileira traduzida para o inglês. O autor que vende bem aqui é forte candidato a se lançar em tradução. A esse assunto voltaremos no capítulo 5.

O Brasil redemocratizado, tentando ajustar-se ao cenário global, certamente chama a atenção no exterior. Não podemos dizer que a literatura brasileira é o abrelatas da cultura nacional em países como Estados Unidos e Inglaterra, nos quais esta pesquisa se concentrou. A música brasileira, especialmente a Bossa Nova nos Estados Unidos, ainda tem mais visibilidade do que a literatura. Ainda, vimos que livros sobre

o Brasil são mais numerosos do que os livros de literatura brasileira, uma característica que Barbosa (1994) também apontou. Entretanto, não se pode negar que nossa literatura ganhou algum espaço nos polissistemas anglófonos, seja devido ao interesse acadêmico por autores canônicos, seja devido a autores que vêm conquistando alguma popularidade entre os leitores. Ganhar espaço não significou exatamente ter mais títulos traduzidos do que o período anterior. Pelo contrário, vimos que o número de obras traduzidas em 1990 não superou o número da década anterior. Os quatro primeiros anos da década de 2000 registraram um número de obras traduzidas inferior aos números relativos ao mesmo período nas duas décadas anteriores. No entanto, se considerarmos o interesse de editores independente de programas de incentivo, podemos dizer que a visibilidade da literatura brasileira é um pouco maior, como é igualmente maior a visibilidade do Brasil no cinema, na moda e nos esportes, por exemplo. Contudo, a literatura brasileira ainda está longe de conquistar um público mais amplo. A já mencionada associação com o realismo fantástico, que parecia ter sido vantajosa a princípio, é hoje um grande problema para a literatura brasileira em tradução, segundo quem trabalha com ela. Ray-Güde Mertin (2004), também na matéria veiculada por ocasião da FLIP mencionada acima, lembra como os editores costumavam pedir aos agentes que encontrassem um livro brasileiro equivalente a *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Marquez. Sobre a possibilidade de alguns autores novos mudarem essa imagem, ela deixa claro que, no cenário atual, essa “solução” seria uma forma de fugir de um estereótipo para ir ao encontro de outro: “I try to explain that Brazil is not all Guimarães Rosa's Sertão, nor is it all Amado's Bahia. But cliches are difficult to eradicate from people's minds.” Ainda, sobre a possibilidade de filmes recentes como *Cidade de Deus* e *Carandiru*, baseados em livros de sucesso, poderem mudar a percepção das pessoas sobre o Brasil, ela responde:

Yes, but's all favela, favela, favela, and a general image of misery and corruption. We should be paying attention to those authors who describe normal day-to-day life, nothing exotic.

A partir do que se discutiu podemos lembrar, antes de encerrar este capítulo, o que disse Lawrence Venuti em *Os escândalos da tradução*, sobre a domesticação de

textos estrangeiros a partir de um processo que permeia a seleção, a produção, a circulação e a recepção de obras traduzidas. Para ele, a domesticação é mais contundente durante o desenvolvimento de uma estratégia de tradução e se torna ainda mais complexa graças às diversas formas como uma obra em tradução é publicada, lida, criticada e discutida no ambiente acadêmico, “produzindo efeitos políticos que variam de acordo com diferentes contextos institucionais e posições sociais” (2002, p. 129). Ele destaca o fato de as literaturas estrangeiras traduzidas serem, por amoldamento a estilos e temas que prevalecem na cultura alvo, distanciadas de sua contextualização histórica e, dessa forma, desvinculadas da tradição literária em que elas se inserem na cultura fonte, a qual, por sua vez, reforça-lhe o significado. Assim, Venuti argumenta que, através da literatura traduzida e da forma como ela é apresentada ao público leitor, é possível formar, reforçar ou alterar representações da cultura à qual pertence o conjunto de textos originais.

Para Venuti, o efeito capaz de produzir as “maiores conseqüências - e, portanto, a maior fonte potencial de escândalo - é formação de identidades culturais” (p.130), como as que acabamos de ver formadas sobre o Brasil. Ele fala do poder da tradução para representar culturas a partir do estabelecimento de cânones domésticos para literaturas estrangeiras. Venuti também chama atenção para a maneira como o texto traduzido tende a se amoldar a estilos e temas que prevalecem naquele período nas literaturas domésticas e, a partir daí fixam estereótipos para as culturas estrangeiras, “excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço da agenda doméstica. (idem)”. Em outras palavras, seja por razões políticas, ideológicas, acadêmicas, seja por razões mercadológicas, a seleção, tradução e veiculação de literaturas traduzidas atendem a interesses externos.

O Brasil, apesar de ter reconhecidos pela crítica internacional nomes como Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, não está imune a estereotipagem, como se pode perceber nas palavras de Mertin acima. A imagem do Brasil rural, pobre, ou do Brasil sensual e tropical, ou místico e exótico, que era forte a ponto de nortear a escolha de editores estrangeiros interessados em publicar traduções de obras brasileiras, pode estar menos nítida nos dias de hoje. No entanto, sem que ela tenha se apagado completamente, vimos surgir uma outra imagem

estereotipada, desta vez refletindo a cidade brasileira - particularmente Rio de Janeiro e São Paulo -, a condição miserável da vida nas favelas, a corrupção e o crime, por exemplo, enquanto ficam esquecidos ou relegados a um público restrito autores importantes da literatura brasileira contemporânea.

Assim, a questão como a que andou ocupando Nelson de Oliveira sobre os livros “entupidos de anedotas exóticas e pitorescas sobre traficantes, favelados, índios, pais de santo, bruxos sambistas e prostitutas” (2004, p. 29) é relevante, principalmente se levarmos em conta que, como em períodos anteriores, essa imagem, gerada externamente, é veiculada segundo interesses e visões estrangeiras. Mais grave ainda é pensar que novos critérios de seleção orientados pela lógica do mercado dão menos importância a obras de qualidade literária face ao interesse maior por livros de boa vendagem, que geralmente reforçam idéias preconcebidas sobre o Brasil.

A participação do Brasil no incentivo à tradução de obras da nossa literatura, como o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional recentemente reformulado e incrementado, poderá constituir-se em um importante instrumento para permitir uma maior participação do Brasil e de suas instituições na seleção de títulos da literatura nacional para tradução. Esse programa, que já existia e foi incrementado ano passado, traz uma possibilidade de expansão da literatura brasileira no exterior quando leva a editores estrangeiros projetos de tradução de obras que poderiam não chegar as suas mãos pelo caminho das feiras de livros, hoje um importante canal de exportação de livros. Cria-se, portanto, um novo canal de transmissão da literatura brasileira a partir de um interesse diverso daqueles que incentivaram a tradução de obras brasileiras nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Assim como as obras selecionadas externamente, a maneira como essas obras selecionadas internamente e traduzidas para outros idiomas serão publicadas, lidas, criticadas e discutidas também deverá produzir os “efeitos políticos” de que falou Venuti, ao interferirem na criação de identidades culturais geradas por tradução literária. Entende-se, portanto, que o programa de incentivo à tradução da Biblioteca Nacional, se continuado, poderá agir como mais uma força a moldar o polissistema de literatura brasileira em tradução para o inglês. O Programa de Apoio à Tradução também será assunto do capítulo 5.

Obviamente, as forças institucionais aqui examinadas e a sua repercussão na formação de um sistema de literatura brasileira em inglês se somam ao poder da indústria e sua rede de distribuição, à influência dos editores e dos agentes literários, e aos programas de valorização da literatura nacional interna e externamente, assuntos que já foram ventilados e que serão o cerne da discussão do capítulo que se segue.